



Gustavo Monteiro Muniz Costa

Graduado em Ciências Militares pela AMAN. Especialista em Geopolítica e Defesa, pela UFRGS, e em Política Estratégica e Defesa, pela ANEPE, no Chile. Realizou o curso de Estado-Maior Internacional, pela Führungsakademie, na Alemanha.

A EVOLUÇÃO DA OTAN DE UMA ALIANÇA DEFENSIVA PARA UM INSTRUMENTO MILITAR COM OBJETIVOS GEOPOLÍTICOS: SUA ATUAÇÃO NOS BÁLCÃS ENTRE 1992 E 1999

THE EVOLUTION OF NATO FROM A DEFENSIVE ALLIANCE TO A MILITARY INSTRUMENT WITH GEOPOLITICAL OBJECTIVES: ITS ACTIONS IN THE BALKANS BETWEEN 1992 AND 1999

RESUMO: O trabalho analisa a atuação da OTAN nos Bálcãs, entre 1992 e 1999, com base em documentos oficiais da ONU, da OTAN e do Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia, e conclui que as operações da OTAN favoreceram exclusivamente as forças apoiadas pelos EUA e pela Alemanha, não realizando operações contra seus aliados, mesmo quando estes atacaram pessoal da ONU ou cometeram crimes contra civis sérvios. Constata, ainda, que a Aliança justificava suas intervenções como humanitárias e em prol da paz e da estabilidade regional, porém seu impacto foi decisivo para garantir a vitória política e militar da Croácia, da Bósnia-Herzegovina e do Exército de Libertação do Kosovo (UÇK), moldando, consequentemente, o atual cenário nos Bálcãs, de acordo com os seus interesses. Ao fim, o artigo conclui que, a partir desse emprego e do seu Conceito Estratégico de 1999, a OTAN evoluiu de uma aliança territorial defensiva para um instrumento militar voltado para a consecução de objetivos geopolíticos de seus principais membros.

Palavras-chave: OTAN. Iugoslávia. UNPROFOR. Kosovo. Conceito Estratégico.

ABSTRACT: The article analyses NATO's actions in the Balkans between 1992 and 1999, based on official documents from the UN, NATO and the International Criminal Tribunal for the former Yugoslavia. It concludes that NATO's operations exclusively favoured forces supported by the USA and Germany, avoiding operations against their allies, even when they attacked UN personnel or committed crimes against Serbian civilians. The study further finds that the Alliance justified its interventions as humanitarian and aimed at promoting peace and regional stability; however, its impact was decisive in securing the political and military victory of Croatia, Bosnia-Herzegovina and the Kosovo Liberation Army (UÇK), thus shaping the current Balkan's scenario, in alignment with its interests. In conclusion, the article asserts that, from these engagements and its 1999 Strategic Concept, NATO evolved from a defensive territorial alliance into a military instrument aimed at achieving the geopolitical objectives of its leading members.

Keywords: NATO. Yugoslavia. UNPROFOR. Kosovo. Strategic Concept.

1 Introdução

As guerras nos Bálcãs terminaram há mais de duas décadas e, além de ser um conflito pouco conhecido no Brasil, estudá-lo poderia ser entendido como um assunto histórico e pontual. No entanto, até o atual conflito na Ucrânia, aquela foi a última guerra na Europa¹, tendo um mesmo ator profundamente envolvido: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), tanto pelas causas apontadas pela Rússia, como das razões para a invasão à Ucrânia, quanto pelo fornecimento de armas e de dados de inteligência a Kiev. Ademais, existe um outro ponto comum a esses dois conflitos: a forte participação da imprensa, com a construção de narrativas antagônicas, o que dificulta a realização de análises imparciais.

A OTAN foi fundada em 1949, pelo Tratado de Washington, por 12 países e sob a liderança dos Estados Unidos da América (EUA). Até 1991, com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), somente outros quatro países ingressaram na Aliança, sendo o último a Espanha, em 1982. Atualmente, a Aliança conta com 32 países (NATO, 2024), tendo, portanto, dobrado o número de membros desde o fim da Guerra Fria. Observa-se que, com exceção da Finlândia e da Suécia, últimas a ingressarem em decorrência da Guerra da Ucrânia², os demais 14 membros são antigos integrantes da URSS, do Pacto de Varsóvia ou repúblicas da extinta Iugoslávia, em um alargamento que ocorreu em três fases: no entorno imediato leste, em 1999; estendendo-se ao flanco leste e isolando Caliningrado, em 2004; e efetuando um cercamento e contenção da Sérvia e da Bósnia-Herzegovina, entre 2009 e 2020 (Costa, 2022).

Conforme dados do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI) (2024), o orçamento em Defesa da Aliança é de cerca de US\$ 1.350 bilhões, com os EUA respondendo por 68% desse montante (US\$ 916 bilhões). Para ilustrar melhor a dependência e o poder de influência dos norte-americanos, a soma dos investimentos de todas as forças armadas europeias, incluindo não membros da Organização, é de cerca de US\$ 400 bilhões, enquanto se estima que somente a China invista US\$ 300 bilhões (ibidem). Há, no entanto, suspeitas que esse valor seja subestimado, sendo o investimento chinês em Defesa, na realidade, de cerca de US\$ 700 bilhões (Beaver, 2023).

¹ Em 2008, o conflito armado entre a Geórgia e a Rússia durou cerca de uma semana. A Geórgia declara pertencer à Europa, porém geograficamente o país se localiza no Cáucaso, na margem leste do Mar Negro, região limítrofe entre a Europa e Ásia, longitudinalmente entre a Síria e o Irã.

² A Finlândia (2023) e a Suécia (2024), em função da invasão russa à Ucrânia, decidiram abandonar sua postura de não adesão a alianças militares e solicitaram seu ingresso na OTAN.

Em 1991, Eslovênia e Croácia declaram sua independência da Iugoslávia, seguidas pela Bósnia-Herzegovina, em 1992. O alto grau de complexidade que envolvia aquelas repúblicas e as minorias sérvias que viviam em enclaves, sobretudo na Croácia e na Bósnia-Herzegovina, incluindo questões históricas, religiosas, étnicas, movimentos nacionalistas e interesses externos, resultou em uma violenta guerra civil, que só seria encerrada em 1995, após ataques aéreos da OTAN, dentro do contexto da missão da Organização das Nações Unidas (ONU), resultando no Acordo de Dayton.

Em Kosovo, após anos de ações de Belgrado em favor da minoria sérvia que vivia naquela província sérvia e de repressões violentas contra movimentos por maior autonomia ou pela independência kosovar, um grupo denominado Exército de Libertação de Kosovo (UÇK³) passou ocupar o espaço da Liga Democrática do Kosovo (LDK) (França, 2004). Os conflitos entre o Exército Nacional Iugoslavo (JNA) e a polícia sérvia contra o UÇK só seriam encerrados após uma nova operação militar da OTAN contra a Iugoslávia, a Operação *Allied Force*, que resultou no Acordo de Kumanovo, firmado com a própria Aliança e que autorizou a ocupação da província por um contingente militar, a *Kosovo Force* (KFOR).

Portanto, o objetivo do presente artigo é analisar a atuação da OTAN, por ocasião dos conflitos nos Bálcãs, entre 1992 e 1999, naquele que foi o último grande conflito armado na Europa, até a atual guerra na Ucrânia, como forma de melhor compreender a evolução, as intenções e o papel geopolítico desempenhado pela maior aliança militar do mundo, tanto à época quanto no cenário atual.

2 Antecedentes Imediatos da Guerra na Iugoslávia

As razões e origens dos conflitos são extremamente complexas e, dependendo do prisma abordado, alguns personagens ou acontecimentos serão mais ou menos decisivos para a deflagração do conflito. No entanto, a fim de que seja avaliado o contexto geopolítico das ações da OTAN contra a Sérvia, quatro fatores devem ser destacados:

1º fator: a situação política e econômica. O segundo choque do petróleo, em 1979, e a morte de Tito, em 1980, geraram uma crise econômica e uma disputa interna por poder, favorecendo o surgimento de movimentos nacionalistas e desavenças entre as Repúblicas. A situação foi agravada pelas condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pela Diretriz para Decisão de Segurança Nacional 133 (NSDD 133), de Ronald Reagan, de

³ UÇK é a sigla do Exército de Libertação de Kosovo no seu idioma original (*Ushtria Çlirimtare e Kosovës*).

1984, que focava na inserção da Iugoslávia na economia de mercado (USA, 1984). Em 1990, ano seguinte à queda do muro de Berlim, o Produto Interno Bruto caía 7,5% e Washington publicava a Lei 101-513, que proibia qualquer espécie de financiamento ou empréstimo dos EUA à Iugoslávia (United States, 1990). Sob forte insatisfação popular pela crise econômica, as eleições resultaram na ascensão de líderes nacionalistas, como Slobodan Milosevich, na Sérvia, Franjo Tudjman, na Croácia, e Alija Izetbegović, na Bósnia-Herzegovina.

2º fator: o interesse da Alemanha pela independência da Croácia e da Eslovênia. Estas eram as repúblicas mais desenvolvidas e ricas da Iugoslávia, com ligações com o antigo império Austro-húngaro e localizadas estrategicamente no Mar Adriático. A linha adotada pelo chanceler Helmut Kohl e seu ministro de relações exteriores, Hans-Dietrich Genscher, foi seguidamente advertida sobre a probabilidade de gerar uma guerra violenta naquela região. O presidente da Conferência de Paz Europeia para a Iugoslávia, Lorde Carrington, e o então Secretário-Geral da ONU, Javier Peres de Cuéllar, solicitaram a Alemanha para que não continuasse pressionando a comunidade europeia por um reconhecimento da independência dessas repúblicas, sem antes solucionar a questão das minorias sérvias que viviam na Croácia (Zipfel, 1996).

3º fator: apoio dos EUA ao Presidente bósnio Alija Izetbegović⁴. As próprias nuances da diplomacia impedem conhecer quais foram os reais motivos que levaram os EUA a apoiar Izetbegović, tanto na retirada de sua assinatura do Acordo de Lisboa⁵, quanto a reconhecer a independência da Bósnia-Herzegovina em abril de 1992, uma decisão que inclusive contradizia sua política externa desde a NSDD 133, que pregava a abertura de mercado do país, porém com a manutenção da federação iugoslava (United States, 1984). E essa mudança, que foi decisiva para a eclosão da guerra, teria ocorrido em decorrência dos interesses geopolíticos dos EUA na região, que perdiam espaço para a Alemanha (Tucker e Hendrickson 1993). Outra teoria, que embora careça de suporte bibliográfico, aponta que, na realidade, o apoio vinha da Arábia Saudita, por intermédio dos EUA, visando à criação de um país muçulmano na Europa. Porém, independente das razões de Washington, assim como o

⁴ Alija Izetbegović fundou, em 1941, o grupo Jovens Muçulmanos, ligado à Irmandade Muçulmana. Em 1970, publicou a Declaração Islâmica, um manifesto que pregava ser importante que uma sociedade islâmica deveria ter um governo islâmico, e que essa revolução começaria pela educação, mas também seria política.

⁵ Em 18 de março de 1992 foi assinado o Acordo de Lisboa, conduzido pelo diplomata português José Cutileiro e pelo Lorde Carrington, prevendo a criação de três cantões étnicos no país. Ele foi assinado pelos líderes dos três principais grupos contentores. Porém, uma semana depois, após receber orientação do embaixador americano Warren Zimmermann, de que os EUA apoiariam a Bósnia-Herzegovina em sua posição, Izetbegović retirou sua assinatura. A reação bósnio-sérvia foi decretar a criação da República Srpska da Bósnia, que lutaria por se tornar independente e unida à Iugoslávia (Hudson, 2003)

embaixador Cutileiro viria a declarar em seu testemunho no Tribunal Penal de Haia, por ocasião do julgamento de Radovan Karadzic, o Acordo de Dayton, que pôs fim à guerra mais de três anos depois, resultou em uma divisão quase idêntica ao que fora previsto no Acordo de Lisboa, o que teria salvado milhares de vidas, se não fosse a retirada da assinatura de Izetbegović (ICTY, 2015).

4º fator: disputas étnicas históricas. Além das guerras de 1912 e 1913, os ressentimentos da 2ª Guerra Mundial (2ª GM) ainda estavam vivos na população durante a década de 1990, especialmente entre os sérvios. Estima-se em 1.700.000 iugoslavos foram mortos na 2ª GM, ou 11% da população, o 2º maior percentual de mortes em um país na guerra. Somente o governo croata da Ustasha, aliado aos nazistas, teria matado mais de 500.000 sérvios e judeus, fora de situações de combate (Hudson, 2003). Ademais, o partido de Trudjman usava símbolos da Ustasha e, após a declaração de independência, funcionários públicos sérvios foram demitidos e imóveis e negócios foram tomados pelo governo e pela própria população croata (Hudson, 2003). No que toca à Bósnia-Herzegovina, os conflitos foram seculares, especialmente em função das invasões otomanas. Aproveitando-se desses ressentimentos, os nazistas criaram, na 2ª GM, a 13ª Divisão *Waffen* da SS “*Handschar*”, uma tropa composta por bósnios muçulmanos, que lutou ao lado do Eixo e perpetrou assassinatos contra sérvios e judeus (Werhas & Mikulčić, 2018).

3 A Guerra na Croácia (1991-1995)

Em junho de 1991, logo após a declaração de independência da Croácia, iniciaram-se os primeiros confrontos armados naquela república. Em fevereiro de 1992, o Conselho de Segurança da ONU (CSNU) aprovou a resolução 743, criando a *United Nations Protection Force* (UNPROFOR). Em março, os primeiros contingentes militares começavam a chegar na Croácia e iriam atuar com um efetivo total de cerca de 13.000 militares, em 3 regiões: Eslavônia Ocidental e Oriental e Krajina, onde estavam as minorias servo-croatas, estabelecendo “Áreas de Proteção das Nações Unidas” (UNPA). Sua missão seria basicamente evitar os conflitos entre o JNA e as forças paramilitares servo-croatas, parte delas nominada como Exército Sérvio de Krajina (ARSK), contra as forças armadas croatas (HVO) (United Nations, 1996).

No entanto, conforme consta na documentação da ONU, “*The Blue Helmets: a review of United Nations peace-keeping*”, de 1996, feita a partir dos relatórios das missões de paz da

Organização (ibidem), o acordo de paz seria quebrado justamente pelas tropas croatas, que atacaram, em 22 de janeiro de 1993, o setor sul da UNPROFOR e tomaram diferentes regiões ocupadas pela minoria servo-croata, que deveriam estar sob a guarda das tropas da ONU. Até então, o JNA havia deixado a Croácia e o ARSK tinha entregado parte de seus armamentos. Esse ataque croata gerou a reação imediata dos servo-croatas, que se sentiram traídos pela ONU e, por sua vez, invadiram os depósitos das Nações Unidas, onde estavam os armamentos devolvidos, retornando os conflitos armados (ibidem).

Ao longo daquele ano, ao mesmo tempo que a Croácia não cumpria com as tratativas da ONU de retirar suas tropas militares das áreas atacadas em janeiro, os croatas atacaram e conquistaram outras áreas que deveriam estar sob controle da ONU. Em janeiro de 1995, Trudjman informou à ONU que não aceitaria a renovação do mandato da UNPROFOR a partir de março daquele ano. Os servo-croatas ainda insistiam na criação de uma República de Krajina independente e ligada à Iugoslávia, o que era rechaçado pela ONU e pela Conferência Internacional responsável pelas tratativas de paz. Em março de 1995, o Conselho de Segurança, por questões políticas e de recursos, decidiu não estender o mandato da UNPROFOR e criou a *United Nations Confidence Restoration Operation* (UNCRO), com cerca de metade do efetivo da UNPROFOR e que mantinha a autorização de uso de apoio aéreo da OTAN (ibidem).

Cerca de um mês após o fim da UNPROFOR na Croácia, os servo-croatas bloquearam a rodovia Zagreb-Belgrado, alegando que sofriam restrições de uso daquela via nas áreas controladas pelas forças croatas. A resposta de Zagreb veio como a quebra do cessar-fogo, em 1º de maio, com suas forças armadas atacando simultaneamente diferentes regiões. As tropas croatas bloquearam totalmente o movimento de pessoal da UNCRO e atacaram regiões habitadas por civis sérvios, inclusive cometendo violações aos direitos humanos, como expulsão de famílias, queima de casas, saques, retenções de documentos e agressões, gerando milhares de refugiados (ibidem). Já o ARSK lançou mísseis contra área habitadas em Zagreb e voltou a invadir os depósitos, onde haviam devolvido novamente os armamentos. Em 04 de junho, tropas croatas e bósnio-croatas bombardearam, coordenadamente, vilarejos servo-croatas em Monte Dinara. A resposta do ARSK, contra as tropas bósnias em Bihac, gerou a assinatura do acordo de Split, em que o governo da Croácia se comprometia a ajudar militarmente a Bósnia-Herzegovina, na reconquista daquela região.

Em 04 de agosto de 1995, as forças armadas croatas lançaram a Operação Tempestade contra Krajina. Milhares de refugiados servo-croatas tentaram fugir para regiões controladas

pelos sérvios na Bósnia-Herzegovina, ao mesmo tempo que tropas bósnias cruzavam a fronteira e atacavam em coordenação com os croatas. Knin, capital da Krajina, foi bombardeada por mais de 24 horas, inclusive em áreas residenciais (HRW, 1996). Em 08 de agosto, o ARSK capitulou.

Além da vitória militar contra os servo-croatas, os documentos da ONU apontam que as tropas croatas destruíram 98 postos de observação da UNCRO, atiraram contra pessoal da UNCRO, matando 3 *peacekeepers* e ferindo outros 16, apossaram-se de material da ONU e usaram pessoal das Nações Unidas como escudo humano, inclusive um episódio com sete militares dinamarqueses marchando à frente das tropas croatas (UN, 1996). Cerca de duzentos mil refugiados deixaram Krajina, sendo 90% servo-croatas. Relatórios apontam seguidas violações de direitos humanos por parte das tropas croatas contra os refugiados e contra aqueles que buscaram permanecer em Krajina, como execuções sumárias de civis, expulsões de famílias, queimas de casas e inclusive bombardeios contra as colunas de refugiados, mesmo sob as vistas de *peacekeepers* (HRW, 1996). Conforme também dados da ONU, a presença servo-croata reduziu de 12,4%, em 1991, para atuais 4,5% da população do país, o que indica um êxodo de mais de 300 mil servo-croatas (UN, 2024).

Conforme o relatório “*NATO's Role in Bringing Peace to the Former Yugoslavia*”, divulgado na Cúpula de Madri de 1997 (NATO, 1997), a Organização iniciou seu apoio militar direto a UNPROFOR em julho de 1992, por meio de operações marítimas, para garantir o cumprimento do embargo de armas a todas as ex-repúblicas da Iugoslávia e às sanções econômicas contra a Sérvia e Montenegro, sob o escopo dos mandatos 713 e 757 do CSNU, respectivamente. Em 1993, em conjunto com a União Europeia (UE), a operação passou a denominar *Sharp Guard*, funcionando até 1996. Em 19 de novembro de 1994, a OTAN aprovou o uso de seus meios aéreos em apoio à UNPROFOR na Croácia. Dois dias depois, em 21 de novembro, aviões da OTAN atacaram o aeroporto de Udbina, controlado pelo ARSK, em resposta a ataques lançados deste local contra Bihac, na Bósnia-Herzegovina (ibidem). Ainda conforme a Aliança, as demais operações aéreas foram executadas no dia 04 de agosto de 1995, contra o mesmo aeroporto de Udbina e contra Knin, tendo como alvo radares de defesa antiaéreos do ARSK (ibidem). Ressalta-se que esse foi o dia em que iniciou a Operação Tempestade, das forças armadas croatas contra o ARSK. Não há nenhum registro de operação da OTAN contra as tropas croatas, nem quando dos ataques às áreas controladas pela ONU em 1993, e nem mesmo em agosto de 1995, quando foram registrados, pela ONU, ataques croatas contra *peacekeepers* e suas instalações.

Portanto, a importância na descrição dos fatos ocorridos na Croácia, entre 1992 e 1995, por meio dos relatórios da ONU, analisando-os com as ações da OTAN naquela república, nos permite observar claramente o grau de parcialidade da Aliança em favor do governo croata. Os documentos da ONU apontam que a Croácia foi responsável por reiniciar todos os confrontos armados, desde janeiro de 1993, aproveitando-se inclusive da retirada do JNA e da deposição de armas pelo ARSK, ao longo do ano anterior. Enquanto isso, os croatas se reequiparam, inclusive sob a suspeita de terem recebidos contrabandos de armamentos da antiga Alemanha Oriental (Hudson, 2003), e lançaram a ofensiva de 22 de janeiro de 1993. Em 1995, já dentro de um cenário em que a OTAN deixava claro sua parcialidade e omissão em relação às ações das forças armadas croatas, estas lançaram as suas ofensivas finais, em 1º de maio de 1995 e a operação Tempestade, em 04 de agosto de 1995, mesmo dia em que a OTAN atacou somente posições do ARSK, embora tropas croatas tenham atacado pessoal da UNCRO e cometido crimes contra civis (UN, 1996).

4 A Guerra na Bósnia-Herzegovina (1992-1995)

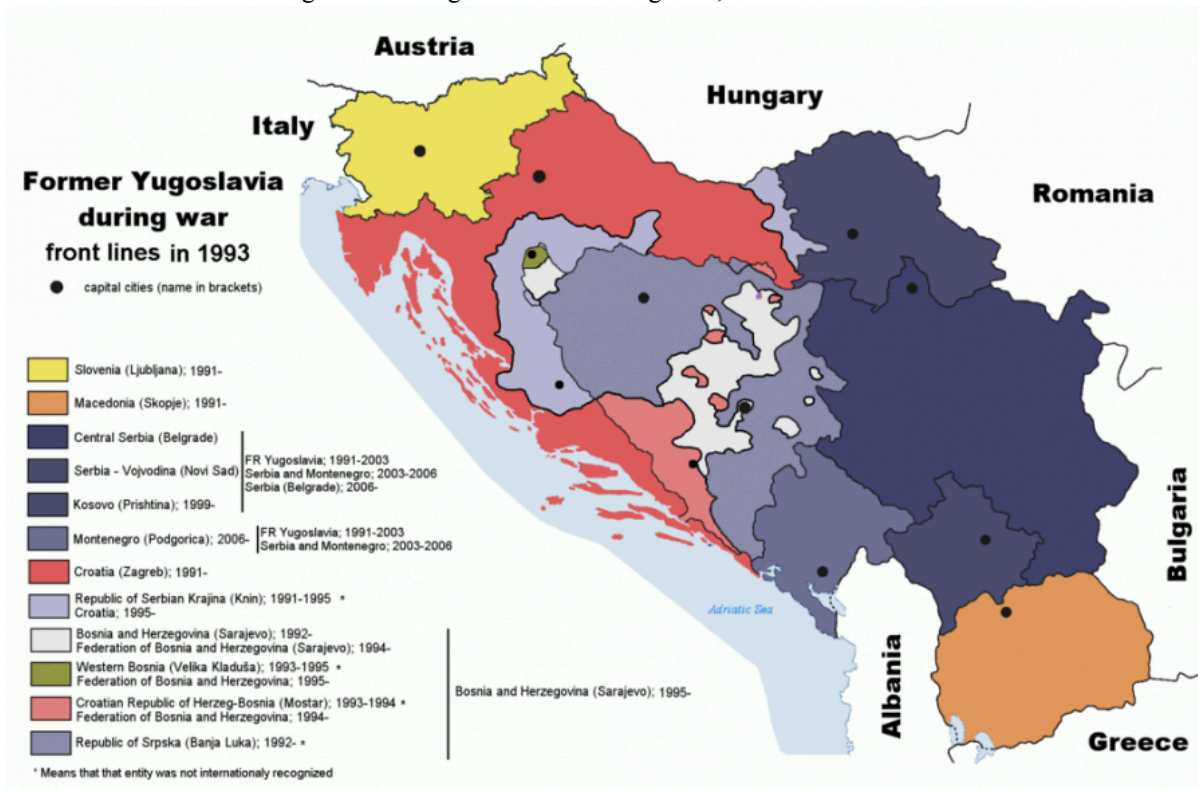
O cenário nessa ex-república era ainda mais complexo. Embora o maior grupo étnico fosse muçulmano, ele não era maioria, respondendo por 40% da população. Bósnio-croatas eram 18% e bósnio-sérvios outros 33%. Dos 109 distritos bósnios, em somente 32 algum desses grupos representava mais de 70% da população local, o que indicava a grande heterogeneidade que permeava aquela república e, principalmente, o risco previsto de uma guerra sangrenta, caso o conflito eclodisse, já que todos os grupos lutariam para se tornarem a maioria local.

Izetbegović contava com forte apoio da Arábia Saudita, que financiou o esforço de guerra bósnio por três anos, principalmente a partir da compra de armamentos de países do antigo Pacto de Varsóvia (Hudson, 2003). Somando-se a esse cenário e, apesar das diferenças entre sunitas e xiitas, Izetbegović conquistou apoio do Irã, com a instalação de campos de treinamento e contrabando armas, já no início de 1992 (ibidem).

Interessante destacar a complexidade da situação que, conforme relatórios da própria ONU (United Nations, 1996), as primeiras ações da UNPROFOR na Bósnia foram com o envio de 40 observadores militares a Mostar, em face dos conflitos entre bósnio-croatas e muçulmanos. A milícia bósnio-croata e o exército croata também eram acusados de perseguição a muçulmanos em Mostar. Enquanto o presidente croata Trudjman negava

participação no conflito, em fevereiro de 1994, o próprio Secretário-Geral informava ao CSNU que cerca de 5.000 soldados regulares do HVO estavam atuando dentro da Bósnia-Herzegovina, retirando suas identificações do uniforme (United Nations, 1996). O infográfico abaixo apresenta um resumo da complexidade dos conflitos e da situação da guerra em 1993:

Infográfico: ex-Iugoslávia durante a guerra, linhas de frente em 1993



Fonte: Paweł Goleniowski (Montreal Holocaust Museum)

Em fevereiro de 1994, dois ataques de morteiro contra alvos civis causaram dezenas de mortes e centenas de feridos. Embora tenha sido identificado preliminarmente que o primeiro ataque partiu de área controlada pelos bósnio-sérvios, o segundo ataque, que foi ainda mais letal e dirigido contra o mercado público de Markale, não teve a sua origem determinada.⁶ Em face desse ataque, um cessar fogo em Sarajevo foi assinado por ambas as partes, enquanto em Washington começavam as tratativas de paz entre a Croácia e a

⁶ O militar sérvio Ratko Mladić foi acusado, dentre outros crimes, pelo ataque ao mercado de Markale, em 05 de fevereiro de 1994 (ICTY, 2017). Berko Zecevic, especialista em balística, produziu um relatório, que foi decisivo à época do incidente, afirmando que o tiro havia provavelmente sido disparado a 2.000m, a partir de seis posições possíveis, sendo uma controlada pelos bósnios e outras cinco pelos sérvios. Já por ocasião do seu testemunho, no julgamento de Mladić, Zecevic afirmou que refez posteriormente os cálculos, retificando que o tiro partiu entre 4.500m e 6.000m. O julgamento concluiu que não havia evidências técnicas da origem do disparo (ICTY, 2015).

Bósnia-Herzegovina, que seria assinada em 10 de maio daquele ano e criava a Federação Bósnio-Croata naquela ex-república.

Em março de 1994, tropas bósnio-sérvias lançaram uma ofensiva contra Gorazde, que foi respondida por ataques aéreos da OTAN em 11 e 12 de abril, dando o prazo de até 27 daquele mês para a milícia retirar-se da cidade e afastar todos os armamentos pesados a, no mínimo, 20 km, o que fora cumprido pelos sérvios. Em junho, tropas bósnias muçulmanas lançavam uma ofensiva contra Ozren, Travenic e Bihac, gerando o êxodo de 35.000 mil pessoas da região para a Croácia. Não houve nenhuma resposta ou ação da OTAN, resumindo-se tão somente aos pedidos da ONU para que cessassem as hostilidades, o que não foi cumprido. Insta destacar que Bihac, alvo da ofensiva bósnia, era uma área de segurança a cargo da UNPROFOR (ibidem).

Em outubro de 1994, forças bósnias, em conjunto com tropas bósnio-croatas, atacaram novamente o bolsão de Bihac, para eliminar as tropas bósnio-sérvias ainda presentes no território. Vilas foram queimadas como forma de expulsar os bósnio-sérvios, sem haver nenhuma retaliação pela OTAN (Boyd, 1995). Em novembro, apoiados pela milícia servo-croata de Krajina, os bósnio-sérvios contra-atacaram aquela região, reconquistando quase todo território perdido desde maio daquele ano. Esse contra-ataque contou com apoio aéreo de aviões do aeroporto de Udbina. No dia seguinte, o CSNU estendeu a autorização de ataques aéreos da OTAN para o território da Croácia e, dois dias depois, 39 aeronaves da OTAN atacavam o aeroporto de Udbina.

Em maio de 1995, após a ofensiva da HVO na Croácia, a milícia bósnio-sérvia também retomara os seus armamentos pesados que haviam sido entregues à ONU, irrompendo novos conflitos. Embora os relatórios da ONU afirmem que ambos os lados atacavam em Sarajevo, inclusive contra áreas residenciais, a OTAN lançou mais dois ataques aéreos, em 24 e 25 de maio, porém somente contra as tropas bósnio-sérvias. A resposta destes foi invadir outros depósitos onde estavam armas que haviam sido entregues e sequestrarem mais de 300 integrantes da UNPROFOR, para serem usados como escudo humano contra os ataques aéreos da OTAN (Beale, 1997). Ao final de maio, o efetivo da ONU em Sarajevo estava isolado, sendo alvejado por ambas as partes do conflito (United Nations, 1996).

A milícia bósnio-sérvia, por sua vez, lançou uma ofensiva em Srebrenica, em 06 de julho. A região era um enclave controlado pelos muçulmanos, que os bósnio-sérvios alegavam que tropas muçulmanas, a 28ª Divisão Bósnia, aproveitavam a “área de segurança” da ONU para lançarem ataques além de Srebrenica, retornando para a cidade e se homiziando

sob a proteção da UNPROFOR. Conforme o Mecanismo Residual Internacional para Tribunais Penais (IRMCT), organização das Nações Unidas encarregada das investigações para os Tribunais Penais Internacionais para Ruanda (ICTR) e para a ex-Iugoslávia (ICTY), após conquistarem a região, as tropas bósnio-sérvias executaram mais de 8.000 homens, incluindo meninos, além de forçarem 30.000 mulheres, crianças e idosos a deixarem a região, o que veio a ser classificado como genocídio pela ONU (IRMCT, 2024).

No início de agosto de 1995, junto à operação Tempestade na Croácia, tropas do governo bósnio, apoiadas pela milícia bósnio-croata e pelas forças armadas croata, lançaram uma ofensiva contra a “República Autônoma da Bósnia Ocidental”, uma dissidência muçulmana liderada por Fikret Abdic. Esse ataque resultou no êxodo de mais de 25.000 pessoas na direção da Croácia, inclusive com seguidas confirmações de abusos contra os civis, não se registrando nenhuma ação da UNPROFOR (United Nations, 1996) ou da OTAN (NATO, 1997) contra as tropas bósnias. Em 28 de agosto de 1995, cinco tiros de morteiro caíram nos arredores de Sarajevo, um deles novamente no mercado de Markale, matando 37 pessoas e ferindo mais de 80. Interessante observar que naquele momento da guerra, já era sabido que tropas do governo bósnio realizavam ataques contra alvos civis muçulmanos, como forma de manter Sarajevo no centro das notícias internacionais, vitimizando a própria população e acusando os bósnios-sérvios dos ataques. O mesmo acontecia no aeroporto da cidade, atacando pessoal e aviões da ONU, embora frequentemente a responsabilidade caísse sobre os sérvios (Boyd, 1995).

Os documentos do próprio ICTY citam que muçulmanos alvejavam civis muçulmanos como forma de culparem os bósnio-sérvios (ICTY, 2011). No entanto, a despeito da falta de comprovação, os sérvios já eram apontados como os culpados pelo novo ataque ao mercado e, dois dias depois, antes de qualquer investigação concluir a origem do tiro, a OTAN lançava a Operação *Deliberate Force*, que consistia em atacar alvos bósnio-sérvios. A operação durou até 14 de setembro, quando a milícia concordou com os termos da OTAN, para afastar-se novamente de Sarajevo. Interessante observar que, dois anos depois, o relatório da OTAN ainda afirmava: “comandantes militares da ONU concluíram, sem nenhuma dúvida, que os ataques de morteiro em Sarajevo partiram de posições bósnio-sérvias⁷” (NATO, 1997, p.6, tradução nossa). No entanto, os especialistas em balística da ONU, que concluíram seu trabalho somente sete dias depois, ou seja, quando já havia começado a operação da OTAN, não puderam precisar de onde partiram os tiros de morteiro (Beale, 1997).

⁷ The air operations were initiated after UN military commanders concluded, beyond any reasonable doubt, that a mortar attack in Sarajevo two days earlier came from Bosnian Serb positions

Aproveitando-se dos ataques aéreos da OTAN, em 10 de setembro as tropas do governo bósnio atacaram as posições bósnio-sérvias no Oeste, enquanto as tropas bósnio-croatas atacavam ao Sul, conquistando regiões que eram tradicionalmente habitadas por bósnio-sérvios, resultando em mais de 50.000 refugiados sérvios, que fugiram então para Banja Luka. Não houve nenhuma ação da OTAN contra esses ataques. O general norte-americano Charles Boyd, Vice Chefe do Comando Europeu dos EUA, entre 1992 e 1995, e que esteve presente no conflito, veio a afirmar, em 1995:

[...] mais de 90 por cento dos sérvios na Eslavônia ocidental sofreram limpeza étnica quando as tropas croatas invadiram aquela área protegida pela ONU, em maio de 1995. Esta operação croata parecia diferir das ações sérvias em torno das áreas seguras da ONU de Srebrenica e Zepa apenas no grau de angústia ocidental e nas imagens da CNN que estas últimas suscitaram. A limpeza étnica evoca condenação apenas quando é cometida pelos sérvios e não contra eles. [...] Os sérvios não estavam tentando conquistar nenhum território, mas apenas manter o que era deles⁸ (Boyd, 1995, p. 23-25, tradução nossa).

Em 21 de novembro de 1995, era assinado o Acordo de Dayton, pelos presidentes da Bósnia-Herzegovina, da Croácia e da Iugoslávia. Entre os diversos anexos do acordo, estava prevista a instalação da *Implementation Force* (IFOR), uma missão militar da OTAN, iniciada em dezembro de 1995, da qual países não membros da Aliança também participariam, porém sob seu comando.

5 Os Conflitos Armados em Kosovo (1998-1999)

A região, pela sua localização estratégica na rota terrestre que liga a Europa ocidental ao Oriente Médio, fora objeto de inúmeras batalhas e conflitos ao longo dos séculos, especialmente a partir das invasões otomanas. Quanto à composição étnica, afirma-se que, em 1690, mais de 450.000 sérvios foram obrigados a deixar Kosovo, após a derrota austro-húngara para os otomanos naquele ano. Esse fato ficou conhecido como a Grande Migração, que, segundo historiadores sérvios, permitiu a ocupação da região pelos albaneses, os quais, até então, seriam uma minoria sem significância na região. No entanto, em 1870, quantificou-se que 70% da população local era albanesa, sendo os sérvios o segundo maior grupo (França, 2004).

⁸ [...] more than 90 percent of the Serbs in western Slavonia were ethnically cleansed when Croatian troops overran that U.N.-protected area in May. As of this writing this Croatian operation appears to differ from Serbian actions around the U.N. safe areas of Srebrenica and Zepa only in the degree of Western hand-wringing and CNN footage the latter have elicited. Ethnic cleansing evokes condemnation only when it is committed by Serbs, not against them [...] Serbs are not trying to conquer new territory, but merely to hold on to what was already theirs.

Os anseios independentistas de Kosovo não foram citados no Acordo de Dayton, o que veio a enfraquecer a posição política de Ibrahim Rugova e da Liga Democrática do Kosovo (LDK), que pregava um movimento pacífico. Dessa forma, o UÇK passou a angariar mais simpatia e apoio local. O *debut* do UÇK foi em 1996, quando o grupo explodiu casas de refugiados sérvios, que fugiram da Croácia e da Bósnia para Kosovo (Craig, 1999).

A catástrofe econômica na Albânia, com a quase falência do Estado em 1997, permitiu que depósitos de armamentos da polícia e das forças armadas albanesas fossem saqueados, vindo milhares de armas a parar nas mãos do UÇK. Em fevereiro de 1998, um ano antes dos ataques da OTAN, o embaixador Robert Gelbard, representante especial dos EUA para a implementação do Acordo de Dayton nos Bálcãs, por ocasião de uma conferência para a imprensa em Kosovo, classificou as ações do UÇK como terroristas (United States, 1998).

Conforme ainda declaração do comitê republicano no Senado dos EUA, suspeitava-se que o UÇK recebia financiamento e apoio do crime organizado, especialmente do tráfico internacional de drogas, bem como do Irã e de grupos terroristas ligados a Osama Bin Laden (Craig, 1998), o que também seria de conhecimento do governo Clinton (Rupert, 1999). Enquanto isso, em junho de 1998, a OTAN já emitia suas primeiras declarações sobre a possibilidade de intervir na Iugoslávia, iniciando a Operação *Determined Falcon*, com exercícios aéreos na Albânia e na Macedônia. Conforme previu o analista político do Senado dos EUA James G. Jatras, já estava definido o ataque da OTAN à Iugoslávia, liderado pelos EUA (França, 2004), faltando apenas o fato midiático que tornasse a intervenção palatável e imperativa. Em 10 de outubro daquele ano, o Secretário-Geral da OTAN, após a reunião do Conselho do Atlântico Norte (NAC), afirmou que já havia base jurídica suficiente que amparasse uma ação militar da OTAN na Iugoslávia, sem mandato da ONU (*ibidem*).

Belgrado cedeu e recuou suas forças de segurança. Enquanto isso, entre 13 de outubro e 13 de novembro, o UÇK realizou 310 ações terroristas, sendo 87 contra alvos civis. A ONU afirmou que os guerrilheiros sequestraram mais de 150 pessoas, muitos julgadas e executadas sumariamente, e que o UÇK buscava inviabilizar os acordos de paz, a fim de trazer a OTAN para o conflito (*ibidem*). Em dezembro de 1998, os sérvios em Kosovo começaram grandes protestos, pedindo proteção. Conforme França: “[...] apesar da Iugoslávia estar lutando contra um movimento guerrilheiro, a ameaça da OTAN aos sérvios era [...] um bombardeio aéreo. Aos guerrilheiros, para o cumprimento do cessar-fogo, pedia-se tão-somente a sua cooperação” (FRANÇA, 2004, p. 82).

Porém, em 15 de janeiro de 1999, um episódio na vila de Raçak teria repercussão internacional e cumpriria a previsão de Jatras. Os corpos de 45 albaneses, incluindo 3 mulheres e uma criança, estavam dispostos, indicando uma execução sumária por parte da polícia sérvia. O embaixador William Walker, chefe da missão da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) em Kosovo, esteve na vila no dia seguinte, de onde proferiu um discurso para a imprensa internacional, acusando os sérvios de massacre e de crime contra a humanidade, gerando declarações fortes nos EUA e na OTAN (ibidem).

Ocorre que a operação da polícia sérvia, no dia 15 de janeiro, teve a presença de dois jornalistas da *Associated Press* (AP), para cobrir uma ação contra membros do UÇK naquela vila. Os vídeos da operação mostram imagens que diferiam enormemente do cenário que havia em 16 de janeiro, quando Walker chegou. Jornais como *Le Figaro*, *Le Monde*, *Times*, *The Guardian* e *Los Angeles Times* começaram a suscitar dúvidas sobre a versão apresentada por Walker (idem). Porém, o episódio já era chamado “massacre de Raçak” e era explorado como argumento político na OTAN para uma operação militar. Havia, no entanto, dúvidas se uma operação militar aérea seria eficiente. Convém rememorar que, naquele período, Clinton enfrentava um processo de impeachment no Congresso norte-americano e a solicitação de emprego de tropas terrestres na Iugoslávia precisaria ser discutida naquela casa, ao passo que a aprovação de uma operação aérea sob o escopo da OTAN era mais simples e demonstraria força e liderança.

Quinze dias após o episódio em Raçak, o NAC autorizava o Secretário-Geral da OTAN a determinar um bombardeio aéreo contra alvos na Iugoslávia, por considerar que a situação em Kosovo era uma ameaça à paz e à segurança internacionais e a fim de impedir uma catástrofe humanitária iminente. No entanto, haveria ainda um movimento político que justificaria a operação militar – o Acordo de Rambouillet. De um lado, a delegação sérvia, composta por representantes da etnia que vivia em Kosovo. Do outro, Ibrahim Rugova, político e chefe do LDK, e Hashim Thaçi⁹, líder do grupo UÇK, e que resistia a ir ao encontro, já que o grupo não apoiava a nenhum acordo que não previsse a independência kosovar. Porém, os norte-americanos necessitavam que o UÇK assinasse o acordo, de forma a recair sobre os sérvios a culpa pela falha nas negociações. A então Secretária de Estado norte americana, Madeleine Albright, costurou para convencer Thaçi a assinar, de forma que, ao final, quem se recusaria a firmá-lo seria Milosevich. A razão foi o Apêndice B do acordo, que

⁹ Hashim Thaçi tinha 30 anos de idade à época das discussões para o Acordo de Rambouillet. Em abril de 2020, Thaçi foi acusado pelo Ministério Público, junto a outros ex-integrantes do UÇK, de uma série de crimes contra a humanidade e crimes de guerra, incluindo quase 100 assassinatos, desaparecimento forçado de pessoas, perseguição e tortura, por ocasião dos conflitos em Kosovo (Specialist Prosecutor's Office, 2020).

previa que as tropas da OTAN teriam trânsito livre, imunidade para sua atuação e poderiam requisitar instalações e materiais que julgassem necessários, não somente em Kosovo, mas em toda Iugoslávia. O anexo claramente feria a soberania Iugoslava e, conforme o próprio parlamento britânico posteriormente viria a declarar, fora inserido propositalmente para provocar a recusa de Belgrado (Hudson, 2003). Em 24 de março de 1999, a OTAN atacava a Iugoslávia.

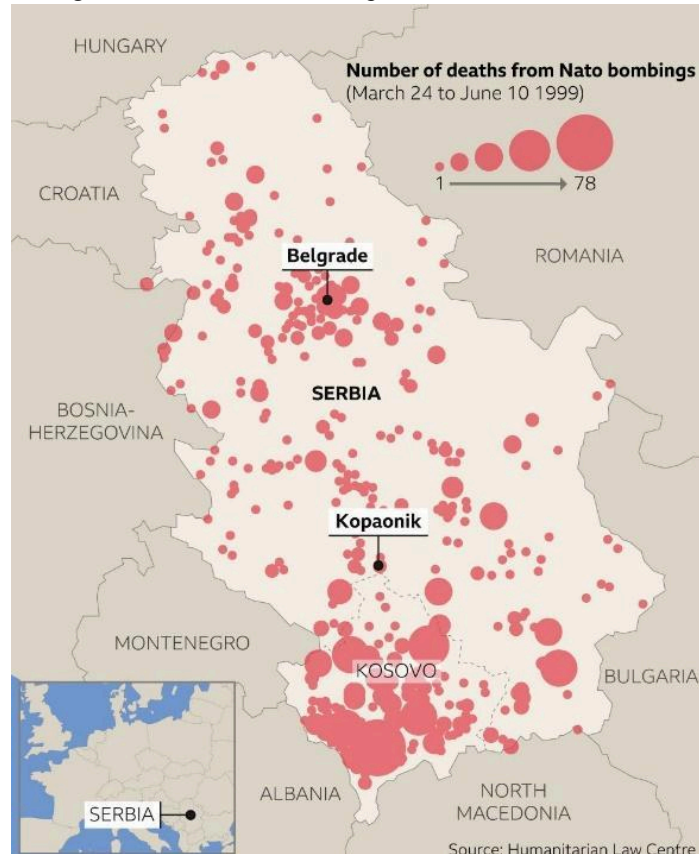
Em meio à operação *Allied Force*, a OTAN lançou um novo Conceito Estratégico (CE). O CE 1999 reforçava as preocupações do CE 1991, como a proliferação de armas de destruição em massa e a atuação de atores não-estatais contra a Aliança, porém passava a definir claramente a principal mudança de posicionamento estratégico da OTAN: a possibilidade de atuação além da defesa coletiva e do espaço euro-atlântico, com emprego de suas tropas em missões “não-Artigo 5º”, dentro de um contexto global e, inclusive, com o fito de preservar o fluxo de recursos vitais (Costa, 2022).

As operações da OTAN, contra alvos militares e a forças sérvias que atuavam em Kosovo tiveram pouco ou quase nenhum efeito. No entanto, os principais alvos destruídos pela OTAN não foram militares, mas aquilo que a Aliança dizia ser necessário para o esforço de guerra iugoslavo. Ao final do primeiro mês de bombardeio, a OTAN havia destruído 65% da capacidade industrial da Sérvia, 70% da capacidade de produção de energia, 80% das refinarias de petróleo, seis aeroportos, nove importantes autoestradas, sua rede de telecomunicações, dezenas de pontes, o complexo de produção de fertilizantes e alvos pontuais, como uma estação de TV e rádio em Belgrado. Nessa operação contra a empresa de telecomunicações RTS, em 23 de abril, morreram 16 civis, sob a alegação de que esta transmitia propaganda iugoslava. A OTAN havia emitido um comunicado, em 08 de abril, que empresas de rádio e TV que transmitissem seis horas diárias de notícias ocidentais, em horários pré-definidos por ela, poderiam ser consideradas instituições de informação pública e poderiam ser poupadas, (ICTY, 2000).

Ademais, ocorreram diferentes “danos colaterais” das operações da OTAN, como bombardeio de trem de passageiros, ônibus, comboios de refugiados, edifícios e casas residenciais, hospitais, campo de refugiados, penitenciária, a embaixada chinesa, dentre outros, estimando-se em cerca de 500 civis mortos e mais de 800 feridos, além de gerar mais de 800.000 refugiados que deixaram Kosovo (ibidem). Nesse último ponto, a OTAN acusa as forças iugoslavas como responsáveis pelo fluxo de refugiados, enquanto diferentes autores, como Hudson (2003) e França (2004), apontam os cerca de 10.400 ataques aéreos, uma média

de mais de 130 ataques aéreos diários, com diversos danos colaterais, como a verdadeira causa dos refugiados. O infográfico abaixo, difundido pela BBC, com os locais dos mortos resultantes dos bombardeios da OTAN, entre 24 de março e 10 de junho de 1999, indica tanto a amplitude territorial dos bombardeios quanto a concentração de mortos na porção central e sudoeste de Kosovo:

Infográfico: Número de mortos pelos bombardeios da OTAN.



Fonte: Humanitarian Law Center (JUREJKO & MARICIC, 2019)

Após dois meses do início da operação, os ataques aéreos não resultaram em conquistas militares ou políticas e ainda produziram um fluxo de milhares de refugiados em Kosovo. Vídeos e fotos da população sérvia em Belgrado, com mulheres e crianças usando alvos presos à roupa, começaram a circular no noticiário internacional, como crítica aos bombardeios da OTAN contra instalações civis. Os EUA então vieram a recorrer à Rússia, para pressionar Milosevich para assinar um acordo, dando a entender aos sérvios que a OTAN usaria tropas terrestres, que já estavam concentradas na Macedônia e na Albânia. Milosevich já havia feito antes um cálculo errado, acreditando que a OTAN não atacaria sem um mandato da ONU, em face do provável veto da Rússia no CSNU (França, 2004), porém, diante de um cenário de destruição da infraestrutura que remetia à 2ª Guerra Mundial, o presidente sérvio

assinou com a OTAN o Acordo de Kumanovo, em 10 de junho. Quarenta e oito horas depois, era desdobrada a *Kosovo Force* (KFOR), um contingente à época com mais de 50.000 militares e que, passados 25 anos, ainda ocupa a região e se mantém sob comando da Aliança.

6 Conclusão

A análise realizada no presente artigo teve como base documentos oficiais da ONU, da OTAN e do Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia, bem como publicações produzidas por pessoas que acompanharam de perto esses conflitos, como o general norte-americano Charles Boyd, Vice Chefe do Comando Europeu dos EUA entre 1992 e 1995, e o diplomata brasileiro Paulo Castilhos França, Conselheiro na Embaixada Brasileira em Atenas, entre 1998 e 2002, dentre outros trabalhos.

Dessa análise, observou-se que as operações militares da OTAN foram decisivas para a vitória dos contendores apoiados pelos EUA e pela Alemanha. Entre 1992 e 1995, a Aliança, amparada por mandatos da ONU, realizou um bloqueio marítimo que não foi suficiente para impedir que os exércitos croata e bósnio se armassem. Suas operações aéreas foram ainda direcionadas somente contra as tropas sérvias, inclusive concomitantes com operações militares croatas e bósnias, como na Operação Tempestade, em 04 de agosto de 1995.

Constatou-se, ainda, que, em nenhum momento, a OTAN atuou em defesa do próprio pessoal da ONU, quando atacados por tropas croatas ou bósnias, nem na proteção de civis sérvios, mesmo diante dos episódios relatados de crimes contra a população civil. Já suas operações em Kosovo, em 1999, ocorreram sem mandato do CSNU, autoproclamando a necessidade de intervenção humanitária. Na prática, os bombardeios da OTAN vieram a favorecer as reivindicações do grupo UÇK, que adotava ações com características de terrorismo, e foram dirigidos contra a infraestrutura básica do país, com resultados militares irrelevantes, mas causando destruições significativas nos sistemas fundamentais à população da ex-Iugoslávia, além de centenas de mortos e 800.000 refugiados.

Portanto, conclui-se que a OTAN evoluiu de uma aliança defensiva para um instrumento militar empregado para o logro de objetivos geopolíticos de seus principais líderes, além de seu espaço territorial, inclusive utilizando-se argumentos humanitários e em favor da paz e estabilidade internacional para encobrir suas reais intenções políticas e econômicas, conforme consta em seu Conceito Estratégico de 1999. Ressalta-se, entretanto,

que essas conclusões não significam, absolutamente, leniência ou minimização das brutalidades e crimes contra a humanidade cometidos pelas tropas sérvias, nem mesmo concordância com as reivindicações das suas minorias que viviam naquelas regiões.

Por fim, passadas mais de três décadas do início dos conflitos, é improvável crer que a ex-Iugoslávia se manteria unida, com todas suas repúblicas, em face da complexidade e profundidade dos problemas étnicos e históricos nos Bálcãs, mas é certo afirmar que as ações dos EUA, da Alemanha e da OTAN moldaram o atual cenário nos Bálcãs.

Referências

ASSOCIATED PRESS (AP). **Turkey formally ratifies Sweden's NATO membership, leaving Hungary as only ally yet to endorse it**. 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/turkey-sweden-nato-ratification-expansion-3686af974e7f9238ee9698451e649ea9>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BEALE, Michael O. **Bombs over Bosnia: The Role of Airpower in Bosnia-Herzegovina**. Tese apresentada na Faculdade de Estudos Avançados de Poder Aéreo para conclusão dos requisitos de graduação. Air University Press, Maxwell Air Force Base, Alabama, USA. 1997.

BEAVER, Peter; ROBERTSON, Wilson. **China's Defense Budget Is Much Bigger Than It Looks**. Foreign Policy. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/09/19/china-defense-budget-military-weapons-purchasing-power/> - Acesso em: 20 jun. 2024.

BOYD, Charles G. **Making Peace with the Guilty: The Truth about Bosnia**. Foreign Affairs, vol. 74, no. 5, 1995, pp. 22–38. JSTOR, Disponível em <https://www.jstor.org/stable/20047298?origin=crossref> – Acesso em: 12 fev. 2024.

COSTA, Gustavo Monteiro Muniz. **Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): uma perspectiva da sua evolução e da sua conjuntura político-estratégica**. Revista Análise Estratégica, Brasília, v. 24, n. 2, 24 ago. 2022, Trimestral, p. 57-77, 24. Disponível em: <https://ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/article/view/9527> - Acesso em: 11 jan. 2024.

CRAIG, Larry E. **The Kosovo Liberation Army: Does Clinton Policy Support Group with Terror, Drug Ties? From 'Terrorists' to 'Partners'**. 1999. United States Senate, Republican Policy Committee. Disponível em: <https://irp.fas.org/world/para/docs/fr033199.htm> - Acesso em: 28 jan. 2024.

FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. **A Guerra do Kosovo: a OTAN e o conceito de "Intervenção Humanitária"**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. 227 p. (Estudos Internacionais).

GOLENIOWSKI, Paweł. **Map of former Yugoslavia Map during 1990's war**. Montreal Holocaust Museum. Disponível em:

<https://museeholocauste.ca/en/resources-training/the-bosnian-genocide/> - Acesso em: 02 set. 2024.

HUDSON, Kate. **Breaking the South Slav Dream: the rise and fall of Yugoslavia**. Sterling, USA: Pluto Press, 2003. 192 p.

HUMAN'S RIGHT WATCH (HRW). **Croatia Impunity for abuses committed during "Operation Storm"**: and the denial of the right of refugees to return to the Krajina. 1996. Disponível em: <https://www.hrw.org/reports/1996/Croatia.htm>. - Acesso em: 02 fev. 2024.

INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR THE FORMER YUGOSLAVIA (ICTY) United Nations. **Final Report to the Prosecutor by the Committee Established to Review the NATO Bombing Campaign Against the Federal Republic of Yugoslavia**. Hague: United Nations, 2000, 35 p. Disponível em: <https://www.icty.org/x/file/Press/nato061300.pdf> – Acesso em: 10 fev. 2024.

INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR THE FORMER YUGOSLAVIA (ICTY) United Nations. **case it-04-81-T, International Tribunal for the Prosecution of Persons Responsible for Serious Violations of International Humanitarian Law Committed in the Territory of the Former Yugoslavia since 1991**: Hague, United Nations, 2011. 644 p. Disponível em: https://www.icty.org/x/cases/perisic/tjug/en/110906_judgement.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR THE FORMER YUGOSLAVIA (ICTY) United Nations. **case IT-09-92-T, The Prosecutor versus Ratko Mladic**, Hague, United Nations, 9 dez 2015, 202 p. Disponível em: <https://www.icty.org/x/cases/mladic/trans/en/151209ED.htm> – Acesso em: 18 out. 2024.

INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR THE FORMER YUGOSLAVIA (ICTY) United Nations. **case IT-09-92-T, Case Information Sheet.**, Haia, United Nations, 22 nov. 2017. Disponível em: https://www.icty.org/x/cases/mladic/cis/en/cis_mladic_en.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

INTERNATIONAL RESIDUAL MECHANISM FOR CRIMINAL TRIBUNALS (IRMCT). **Srebrenica: timeline of a genocide**. United Nations, Hague. Disponível em: <https://www.irmct.org/specials/srebrenica/timeline/en/>. – Acesso em: 10 fev. 2024.

JUDAH, Tim. **The Serbs – History, Myth & The Destruction of Yugoslavia**: History, Myth and the Destruction of Yugoslavia. USA, Yale University Press, 1997, 358 p.
JUREJKO Jonathan & MARICIC. **Slobodan Novak Djokovic: How 1999 Nato bombings of Belgrade shaped his career**. British Broadcasting Corporation (BBC), 14 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/tennis/47284539> – Acesso em: 27 out. 2024.

KHINKULOVA, Kateryna; IVSHINA, Olga. **5 razões pelas quais a União Soviética entrou em colapso há 30 anos**. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59794568> - Acesso em: 11 jan. 2024

LESLIE S. Lebl. **Islamism and Security in Bosnia-Herzegovina**. USA, US Army War College Press, 2014, 01 maio 2014. Disponível em <https://press.armywarcollege.edu/monographs/497>. Acesso em: 12 fev. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANISATION (NATO). **Press Info - Madrid Summit 1997**: NATO's Role in Bringing Peace to the Former Yugoslavia. 1997. Disponível em: <https://www.nato.int/docu/comm/1997/970708/infopres/e-bpfy.htm>. Acesso em: 11 jan. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANISATION (NATO). **The North Atlantic Treaty**. 2023. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=en. Acesso em: 11 jan. 2024.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANISATION (NATO). **What is NATO?** 2024. Disponível em: <https://www.nato.int/nato-welcome/index.html>. Acesso em: 11 jan. 2024.

RUPERT, James. **Guerrillas Go Public with Pleas**. Washington Post, 26 abr. 1999. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/inatl/longterm/balkans/stories/klapublic042699.htm>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SPECIALIST PROSECUTOR'S OFFICE (SPO). **Press Statement**. 24 jun 2020. Kosovo Specialist Chambers and Specialist Prosecutor's Office, Hague, United Nations. Disponível em: <https://www.scp-ks.org/en/press-statement>. Acesso em: 27 out. 2024.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). **Military Expenditure Database**, SIPRI. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex>. Acesso em: 19 jun. 2024.

TUCKER, ROBERT W; HENDRICKSON, DAVID C. **America and Bosnia**. The National Interest, Washington-DC, EUA. no. 33, pp. 14–27, set. 1993. Disponível em: <https://nationalinterest.org/article/america-and-bosnia-849>. Acesso em: 19 jun. 2024.

UNITED NATIONS (UN), 1996. **The Blue Helmets: A Review of the United Nations Peacekeeping**. New York: UN - Department of Public Information, 1996. 828 p. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/228891?v=pdf>. Acesso em: 04 fev. 2024.

UNITED NATIONS (UN). **Population by national and/or ethnic group, sex and urban/rural residence**. Population by national and/or ethnic group, sex and urban/rural residence. 2024. United Nations Statistics Division. Disponível em: <https://data.un.org/Data.aspx?d=POP&f=tableCode:26> – Acesso em: 23 jan. 2024.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). **National Security Decision Directive 133, Document 219, United States Policy Toward Yugoslavia**. Washington, DC, 14 mar. 1984. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1981-88v10/d219>. Acesso em: 23 jan. 2024.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). Public Law 101-513. Washington, DC, 05 nov. 1990. Seção 599, Yugoslavia, p. 2063. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-104/pdf/STATUTE-104-Pg1979.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). State Department, United States of America. **Press Conference**, Pristina, Servia and Montenegro, 22nd Fevereiro 1998. Disponível em: https://1997-2001.state.gov/policy_remarks/1998/980222_gelbard_pristina.html. Acesso em: 10 fev. 2024.

WERHAS, Mario; MIKULČIĆ, Božidar. **Handschar**: 13th SS Mountain Division. Zagreb: Despot Infinitus, 2018. 134 p.

ZIPFEL, TOMÁŠ. Germany and the Recognition of the Sovereignty of Slovenia and Croatia. **Perspectives**, no. 6/7, 1996, pp. 137–46. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/23615503>. Acesso em: 2 Feb. 2024.

Recebido em 24 de junho de 2024.

Aceito para publicação em 10 de setembro de 2024.